AS RAÍZES NACIONALISTAS DA PROFESSORA THEREZINHA DE CASTRO E SEU LEGADO PARA A ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA

THE NATIONALIST ROOTS OF PROFESSOR THEREZINHA DE CASTRO AND HER LEGACY FOR BRAZILIAN NATIONAL WAR COLLEGE

LAS RAÍCES NACIONALISTAS DE LA PROFESORA THEREZINHA DE CASTRO Y SU LEGADO PARA LA ESCUELA SUPERIOR DE GUERRA

Jamylle de Almeida Ferreira*
Luiza das Neves Gomes**

RESUMO

Therezinha de Castro (1930-2000), filha do General Fábio de Castro e da Sra. Nedyr de Castro, foi uma ativa estudiosa da Geopolítica brasileira. A partir da produção que ela nos deixou como legado percebemos sua ligação com diferentes áreas do conhecimento: Ciência Política, Sociologia, História, Educação, Geografia, Geopolítica e Relações Internacionais. Este artigo tem o objetivo de destacar a atuação pioneira de uma mulher civil na área de segurança, defesa e geopolítica, analisando, que para além de sua referência paterna – um general, sua origem familiar materna pode nos revelar aspectos importantes, e das suas raízes nacionalistas e republicanas. Na última parte do texto vamos demonstrar como a memória da Therezinha vem sendo perpetuada pela Escola Superior de Guerra (ESG) pontuando as diversas iniciativas em sua homenagem e fechando com a descoberta de um familiar pertencente ao Corpo Permanente da Instituição.

Palavras-Chave: Geopolítica; Escola Superior de Guerra; Genealogia materna.

ABSTRACT

Therezinha de Castro (1930-2000), daughter of General Fábio de Castro and Mrs. Nedyr de Castro, was an active scholar of Brazilian Geopolitics. From the production she left us as a legacy, we see her connection with different areas of knowledge: Political Science, Sociology, History, Education, Geography, Geopolitics and International Relations. This article aims to highlight the pioneering role of a civilian

* Geógrafa, Mestre e Doutora em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3023365944188675 Contato: jamylleaferreira@gmail.com

** Historiadora, Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1040209135067413. Contato: luizadasnevesg@gmail.com

woman in the area of security, defense and geopolitics, analyzing that, in addition to her paternal reference – a general, her maternal family origin can reveal important aspects of her nationalist and republicans. In the last part of the text we will demonstrate how Therezinha's memory has been perpetuated by Brazilian National War College (ESG), highlighting the various initiatives in her honor and ending with the discovery of a family member belonging to the Institution's Permanent Corps.

Keywords: Geopolitics; Brazilian National War College; Maternal genealogy.

RESUMEN

Therezinha de Castro (1930-2000), hija del general Fábio de Castro y de la señora Nedyr de Castro, fue una activa estudiosa de la geopolítica brasileña. Desde la producción que nos dejó como legado, vemos su conexión con diferentes áreas del conocimiento: Ciencia Política, Sociología, Historia, Educación, Geografía, Geopolítica y Relaciones Internacionales. Este artículo pretende resaltar el papel pionero de una mujer civil en el ámbito de la seguridad, la defensa y la geopolítica, analizando que, además de su referente paterno –general, su origen familiar materno puede revelar aspectos importantes de su carácter nacionalista y republicano. En la última parte del texto demostraremos cómo la memoria de Therezinha ha sido perpetuada por la Escuela Superior de Guerra (ESG), destacando las diversas iniciativas en su honor y finalizando con el hallazgo de un familiar perteneciente al Cuerpo Permanente de la Institución.

Palabras clave: Geopolítica; Escuela Superior de Guerra; Genealogía materna.

1 INTRODUÇÃO

Therezinha de Castro figurou como uma das principais pensadoras da geopolítica brasileira, reconhecida internacionalmente, ao longo de sua vida abordou diversos temas relevantes para geopolítica, como por exemplo: a importância da Antártica e do Atlântico Sul.

Foi com essas palavras que o insigne geopolítico esguiano Meira Mattos definiu a Professora Therezinha:

> A Professora Therezinha de Castro foi uma pesquisadora incansável e uma lutadora obstinada pela aceitação de suas propostas geopolíticas. Deixou dezenas de livros, realizou centenas de conferências no Brasil e no exterior e produziu um milhar de artigos. Foram trinta anos (décadas de 1970-90) de infatigável produção intelectual. Dos muitos temas que tratou destacaram-se: a necessidade de uma estratégia brasileira

> de presença ativa no Atlântico Sul, para isto a importância de participarmos da ocupação da Antártica [...] (Mattos, 2002, p.79).

Ela foi uma das pioneiras a defender a necessidade do Brasil marcar presença no continente antártico, em função de suas imensas reservas minerais e de água, por meio da 'Teoria da Defrontação'[1]. Anos mais tarde, viu seu esforço recompensado com sucesso. Foi em janeiro de 1982 que a Marinha do Brasil oficializou a criação do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) - até hoje gerenciado pela Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) - ao adquirir o quebra-gelo dinamarquês Thala Dan, mais tarde renomeado Barão de Teffé. No mesmo ano, o Brasil realizou sua primeira expedição à Antártida, conhecida como "Operação Antártica I".

De maneira análoga instigou, por meio de inúmeros trabalhos, o despertar do Brasil para a importância estratégica do Atlântico Sul no contexto da segurança hemisférica. A professora Therezinha de Castro buscou colocar a mentalidade marítima e a importância geoestratégica do Atlântico Sul em maior destaque, ressaltando a necessidade do estreitamento das relações com os países do Cone Sul.

Ela enfatiza o Atlântico como o "mais intercontinental dos oceanos", por constituir-se de um espaço marítimo entre os continentes africano, americano e antártico e por possuir três corredores ou "vasos intercomunicantes oceânicos", formados pelo estreitamento Natal-Dakar (caminho direto entre América/África/Europa) e pelos Estreitos de Drake/Beagle/Magalhães (ligação natural Atlântico/Pacífico) e Passagem do Cabo (passagem Atlântico/Índico e ligação América/África/Ásia) (Castro, 1996).

A produção textual da Professora Therezinha de Castro claramente se baseia em uma perspectiva nacionalista, destacando-se: "José Bonifácio e a Unidade Nacional" (1984); "O Brasil no Mundo Atual - Posicionamento e Diretrizes" (1982); "Brasil: da Amazônia ao Prata" (1983); "Retrato do Brasil" (1986); "Nossa América: Geopolítica comparada" (1994); "Rumo à Amazônia" (1998); e a sua obra seminal "Geopolítica: princípios, meios e fins", escrita em 1999.

Uma mulher claramente política e ativa nacionalista, o que fica evidenciado quando ela própria define a geopolítica da seguinte forma:

> Convertida na consciência geográfica do Estado, a Geopolítica pode prestar serviços às causas da guerra como também às da paz, desde que adequadamente formalizada. Poderá, assim, traçar metas para um bom governo fundamentando suas diretrizes no setor da integração, no aproveitamento sistemático de seu espaço e posição (Castro, 1999, p. 389).

1 A Teoria da Defrontação, concebida por Therezinha de Castro e divulgada na Revista do Clube Militar em abril/junho de 1956, com posterior transcrição pelo Boletim Geográfico em novembro/dezembro do mesmo ano, enfatizava a importância política e estratégica do continente antártico.

Esse seu nacionalismo foi frequentemente associado ao pai, o General Fábio de Castro, militar de destaque, entretanto, o objetivo deste artigo é explorar alguns aspectos de sua genealogia materna e outras influências que recebeu, que vão além das consideradas até agora como principais. Nosso objetivo é demonstrar que ela estava inserida num contexto familiar nacionalista que ia muito além do pai, isso porque a bordadeira da primeira bandeira do Brasil republicano era a tia-avó da Therezinha de Castro.

Sendo assim, na primeira parte do artigo realizou-se a reconstrução histórica de sua família rastreando linhagens e estabelecendo conexões entre parentes ao longo do tempo, o que envolveu a análise de diversos registros históricos, como certidões de nascimento, casamento e óbito, assentamentos paroquiais, censos e outros documentos que possibilitam acessar informações sobre a passagem dos indivíduos pela vida. Além disso, utilizou-se a fonte oral. Tais fontes documentais foram analisadas e expostas na tese de Ferreira (2021), que teve como objeto as narrativas que expressam a consolidação da Dona Yayá como representante do modo de vida da extinta Aldeia Imbuhy, localizada no bairro pesqueiro de Jurujuba, Niterói-RJ ocupada desde, pelo menos, 1863.

Esta tese teve desdobramentos e foi complementada por artigos posteriores da autora: Ferreira (2022), Ferreira (2023) e Ferreira *et al.* (2023). O primeiro traz a convergência entre a fonte escrita e o depoimento oral como uma solução criativa em busca de respostas que a fonte escrita por si só não foi capaz de elucidar.

O segundo considera o depoimento oral para retificar a fonte escrita utilizada na pesquisa em questão, conferindo mais credibilidade à fonte oral e restabelecendo, assim, a teia de relações familiares da bordadeira da primeira bandeira do Brasil republicano, irmã da Joana, que só agora se sabe, avó da Therezinha de Castro[2].

Os registros foram fundamentais para reconstruir a história familiar, estabelecer conexões entre parentes e compreender como eventos históricos moldaram a estrutura da família da Therezinha de Castro.

Logo após essa análise, abordaremos sua contribuição para ESG e observaremos como esta instituição conseguiu, ao longo dos anos, manter viva a memória desta grande geopolítica. Nosso suporte teórico se fundamenta nos estudos de Halbwachs e Worcman, que veem a memória como um campo de disputa para reinterpretar o passado e fortalecer identidades no presente.

E falando em disputa, não há disputa mais árdua do que aquela que se trava entre o depoimento oral e a fonte escrita. Os que lidam com as fontes escritas tendem a ser céticos com relação à fonte oral e os que lidam com a metodologia de história oral, nem sempre se conformam com a necessidade de confirmar a legitimidade dos depoimentos na fonte escrita. Ferreira *et al.* (2023) comprovou

2 Uma informação que foi levantada via oralidade a partir de Fabio Furtado Pereira, tetraneto do "velho" Manoel Ignácio de Simas, de quem Therezinha era trineta.

que a fonte oral merece credibilidade, ao conseguir resolver, através do depoimento oral, uma incógnita familiar, que envolvia os ancestrais maternos da Therezinha de Castro, causada por problemas nos registros. Trebitsch (1994, p. 23) apontava que a história oral *"tira do esquecimento aquilo que a história oficial sepultou [...]"*

2 A GENEALOGIA COMO FERRAMENTA DE INVESTIGAÇÃO

Optamos por utilizar essa ferramenta para reconstruir o contexto familiar de Therezinha de Castro, partindo de numa pequena abordagem sobre sua família direta com foco na influência paterna, passando por algumas de suas experiências, e buscando complementá-lo com uma efetiva contribuição sobre os ancestrais maternos, até então não considerados.

Não é nossa intenção neste artigo realizar uma análise teórica sobre a pesquisa genealógica, mas é importante mostrar qual é o nosso ponto de partida. É a partir dela que se pode elaborar a *árvore* genealógica de um indivíduo, que:

> [...] serve para designar a determinação gráfica da ascendência de uma família, a partir de um *tronco comum*. Pela analogia ao *tronco único* da árvore, donde se bifurcam os ramos que formam a sua copada, como graficamente assim se representa a ascendência da pessoa, ou seja, a sua genealogia (Árvore [...], 2009).

Weigel (2007) amplia a definição de genealogia além do simples estudo de parentesco, ao considerá-la como a história do simbólico, da iconografia e das práticas retóricas. De acordo com o autor, isso inclui sistemas de gravação e técnicas culturais que são utilizados para transmitir o conhecimento sobre famílias, raças, espécies ou a sucessão da vida ao longo do tempo.

> O historiador D'Assunção Barros ao desenvolver o trabalho acerca das denominadas "Operações Genealógicas" realizadas por "genealogistas", afirma que tais práticas são conhecidas desde antiguidade e estiveram em alta, principalmente na Idade Média e no início da Idade Moderna, particularmente em meios aristocráticos nos quais o conhecimento da inserção do indivíduo em uma dada linhagem ou entrecruzamento de linhagens mostrava-se de vital importância para a identidade social do sujeito nobre (Barros 2013, p.146 *apud* Maciel e Maciel, 2022).

Contudo, nos últimos anos, a busca por criar árvores genealógicas tem ganhado destaque significativo. Isso se deve, em parte, ao acesso facilitado a recursos digitais e ferramentas tecnológicas que permitem uma pesquisa mais ampla

e detalhada sobre antecedentes familiares. Plataformas online[3] especializadas oferecem a possibilidade de conectar dados de registros históricos, como certidões de nascimento, casamento e óbito, registros paroquiais e censos, além de permitir o compartilhamento colaborativo de informações entre familiares distantes. Essa tendência não só facilita a descoberta das raízes familiares, mas também promove uma compreensão mais profunda da história pessoal e cultural de cada indivíduo.

2.1 O CONTEXTO FAMILIAR DIRETO DE UMA MULHER REPUBLICANA E NACIONALISTA

Por contexto familiar entende-se o ambiente em que o indivíduo recebe os seus valores e crenças, onde se forma e aprende a socializar.

Therezinha de Castro nasceu no Rio de Janeiro, em 22 de dezembro de 1930. Ela era filha do General Fábio de Castro e da Sra. Nedyr de Castro. Seu nacionalismo é naturalmente atribuído ao pai, militar de carreira.

Ela viveu parte de sua infância no Rio Grande do Sul. Penha (2021, p. 48) ressalta que:

> Ela se sentiu inclinada a estudar Geografia quando participou com o pai em um evento de hasteamento da bandeira brasileira na cidade de Uruguaiana, na fronteira com a Argentina. Naquele contexto histórico da segunda Guerra Mundial, o Brasil havia se inclinado ao lado dos Estados Unidos e vivia uma forte rivalidade geopolítica com a Argentina, que mantivera seus vínculos com a Alemanha. O sentimento de estar do "lado certo" da fronteira motivou a futura geógrafa a cultivar o nacionalismo e, ao mesmo tempo, a defender os valores ocidentais que, posteriormente, impregnaria todo a sua produção científica.

O fato de ser filha de um general pode ter contribuído para forjar a personalidade da Therezinha de Castro e facilitado seu acesso a algumas dessas instituições, bem como ao Clube Militar.

Esse lado paterno já foi bastante explorado nos artigos[4] que tratam da biografia da Geógrafa, mas a influência na sua formação, personalidade e interesses pode mesclar desde forças familiares, culturais, de classe social e questões ambientais até genéticas.

O que é herdado e o que é assimilado é uma incógnita, cada sujeito dá sentido às origens, às experiências vividas e às relações interpessoais por ele mesmo estabelecidas de forma particular.

3 Destacam-se alguns sites que montam árvore genealógica: My Heritage; FamilySearch, Ancestry e Family Tree - Gen

4 Artigos que tratam sobre a influência do pai são frequentemente tratados na biografia da geógrafa. Conferir: Penha (2021) e Dicionário de Geógrafos, GeoBrasil - UERJ. Disponível em: http://www.grupogeobrasil.uerj.br/dicionario_de_geografos.php. Acessado em: 17 jul. 2024.

Com o objetivo de complementar o contexto familiar que envolvia a Therezinha de Castro e pode ter contribuído para que ela se tornasse essa grande referência na geopolítica nos debruçaremos sobre sua família materna, pois tanto a defesa pelos interesses brasileiros quanto o nacionalismo que a movia pode ter raízes ainda mais profundas: ancoradas num contexto familiar republicano e abolicionista.

2.2 A DESCONHECIDA GENEALOGIA MATERNA DE THEREZINHA DE CASTRO

Nedyr de Castro, a mãe da Therezinha, era filha de José Siqueira de Campos e Joana Simas de Campos. Joana, a avó materna de Therezinha de Castro era irmã de Flora Simas de Carvalho, mais conhecida como Dona Yayá, mulher que, aos 16 anos, bordou a primeira bandeira do Brasil republicano, em 1889. Therezinha era, portanto, sobrinha-neta da bordadeira.

A importância desse episódio está não só no fato de a tia-avó da Therezinha de Castro ter sido associada aos símbolos nacionais, pela participação na implantação da República por meio do seu trabalho, mas sim no contexto familiar que levou a isso. Não foi escolhida uma pessoa qualquer para bordar a bandeira, mas alguém que coadunava com os valores republicanos, abolicionistas e que e estava imbuída desses valores por pertencer a uma família de militares.

De acordo com o Projeto de Resolução n.º 81/2015 de autoria do gabinete do deputado Waldeck Carneiro da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Janeiro, Manoel Ignacio de Simas Filho, pai da Joana, da bordadeira e bisavô da Therezinha de Castro, era militar e morava em São Cristóvão, onde viviam seus familiares. Ele desenhava muito bem, tinha uma postura contestadora, e usava sua habilidade para fazer charges criticando o poder da época. Devido às suas convicções humanitárias, teria sido perseguido politicamente.

Em entrevista, concedida no dia 18 de outubro de 2016, a sobrinha-neta da avó da Therezinha de Castro, a Sra. Lucy Vasconcellos Chaves, 97 anos, fonte das informações que constam no Projeto, reafirmou que o Manoel Ignacio de Simas Filho era revolucionário e frisou que pertencia a uma numerosa família de militares, mas negou que ele fosse militar.

Ferreira *et al.* (2023) aponta que essa confusão se deve ao fato de que Manoel Ignacio de Simas Filho, era filho de um militar de mesmo nome, o "velho" Manoel Ignacio de Simas, com Francisca Romana de Simas, e que o casal teria registrado os netos: Joana – a avó da Therezinha de Castro- (1869), Dona Yayá (1873), Olympia (1974) e Antônio (1877).

Ferreira *et al.* (2023, p.19) aponta que:

> Manoel Ignacio de Simas (1804-1887) e Francisca Romana da Pureza (1818- ?) casaram-se em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, no dia 08 de setembro de 1833. Ela, uma

> jovem de 15 anos, teria passado a se chamar Francisca Romana de Simas, e ele, já viúvo de Anna Ricarda, conforme assento de casamento, aos 28 anos.

O registro de casamento do "velho" Manoel Ignacio de Simas, trisavô da Therezinha de Castro, aponta sua profissão e algumas datas que nos levam à idade reprodutiva dele e de sua esposa:

> Francisca Romana da Pureza, nasc. a 08.02.1818 e bat. a 20.12.1818, casou-se a 08.09.1833, com o Major Manoel Inacio de Simas, filho de Domingos Antonio de Simas e de D. Delfina Rosa, nat. da Ilha do Pico. Passaram a residir em Paranaguá. (Piazza, 1982, p. 76).

Negrão[5], (1945b, p.137-142) afirma que o casal teve oito filhos: 1- João Thimoteo de Simas (1834-1873); 2- Francisco Ignacio de Simas (1836-?); 3- Manoel Ignacio de Simas Filho (1838-?); 4- Fernando Machado de Simas (1839-1840); 5- Maria Machado de Simas (1841-1841); 6- Flora Machado de Simas (1842-1850); 7- Fernando Machado de Simas (1851-1916); e 8- Flora Machado de Simas (1853-?).

Já que "velho" Manoel Ignacio de Simas casou-se, aos 28 anos com Francisca Romana da Pureza, de 15 anos e ela teve o primeiro filho aos 16 e o último aos 35 anos, o que bate com os dados atuais sobre fertilidade feminina brasileira corresponde à faixa etária de 10 a 49 anos e o pico da vida reprodutiva feminina, que fica entre 20 e 30 anos, tendo a mulher condições de engravidar até os 37 anos, quando vai ficando mais difícil.

Essas datas deixam claro que o casal não poderia ser pai e mãe biológicos da geração que inclui Joana (1869), Dona Yayá (1873), Olympia (1974) e Antônio (1877), já que para tal a idade reprodutiva da esposa do "velho" Manoel Ignacio de Simas precisaria ter ocorrido entre 51 e 61 anos.

Essa questão também contribuiu para que Ferreira *et al.* (2023) passassem a acreditar que há uma geração suprimida na árvore genealógica entre o "velho" Manoel Ignacio de Simas e sua esposa e a geração da Joana, a avó da Therezinha de Castro.

A união entre os trisavós maternos de Therezinha foi um casamento entre famílias de militares, já que, de acordo com Piazza (1982, p. 73-76), ele, filho de Domingos Antonio de Simas e de D. Delfina Rosa, naturais da Ilha do Pico, Arquipélago dos Açores, em Portugal, é intitulado ora como Capitão, ora como Major em diversas publicações e ela era filha de Francisca Romana Pureza de Souza (filha do Tenente Francisco Machado de Souza e de Ana Francisca Flora de Faria) e

5 A esposa de Manoel Ignacio de Simas é denominada por Negrão (1945b, p.137) como Francisca Romana Machado de Simas.

do Professor de primeiras letras João Lopes Falcão, que teve o posto de Major da Guarda Nacional e era um dos sete filhos do Coronel Paulo Lopes Falcão e Maria da Conceição Costa.

O "velho" Manoel Ignacio de Simas era tido como um admirável homem e modelo de honestidade, conforme descrito em seu necrológico no periódico Gazeta Nacional, de 07 de dezembro de 1887, por ocasião de seu falecimento, aos 83 anos:

> Veio para o Brasil antes da Independência. Ocupando o lugar de escrevente na corveta 'Itaparica' que tomou parte na expedição contra o ditador Rosas, foi com todos os seus companheiros desterrado para a Patagônia. Entre os prisioneiros achava-se Joaquim José Ignácio, que se tornou depois um notável marítimo. Manoel Ignácio de Simas fundou em Paranaguá a Sociedade Defensora da Independência do Brasil e mais tarde, com o padre Gregório José Lopes Nunes e Manoel Francisco Correia (pai do atual Senador Correia) e outros, fundou o Partido Liberal da Província do Paraná. Teve condecorações do Primeiro Império e foi inquebrantável em sua fé política até os últimos momentos de sua vida. Era citado como um dos melhores modelos de honestidade e foi sempre estimado e respeitado até pelos seus adversários políticos (*Gazeta Nacional*, 7 de dez. 1887).

Uma vez falecido no final de 1887, havendo registros de depoimentos da própria tia-avó de Therezinha de Castro, a Dona Yayá, relatando que em 1889 o pai dela a teria indicado ao Marechal Deodoro para bordar o primeiro pavilhão nacional republicano, ele de fato só poderia ser o Manoel Ignácio de Simas Filho.

Ferreira *et al.* (2023) destacam que Manoel Ignacio de Simas Filho teve sete irmãos, todos nascidos em Paranaguá. Sendo que somente João Thimoteo de Simas (1834-1873)15, Fernando Machado de Simas (1851-1916) e Flora Machado de Simas (1853- ?)16 chegaram à vida adulta, outros três morreram ainda crianças e há ainda um do qual não se tem muita informação. Entre eles destacou-se Fernando Machado de Simas, que após o curso de Humanidades, formou-se em farmácia pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1874. Atuou em Antonina e mais tarde em Paranaguá-PR, onde, de acordo com Negrão (1945a), foi ardoroso propagandista do abolicionismo e da República, fundando com outros o jornal, que dirigiu como polemista culto e intimorato.

Casou-se com Helena Correia Gutierrez em janeiro de 1882 na cidade de Paranaguá. Negrão (1945a), aponta que o casal teve sete filhos, mas a família afirma em depoimento que foram apenas quatro: Otto Gutierrez de Simas (Paranaguá,

1882 - Rio de Janeiro, 1968), Hugo Gutierrez de Simas (Paranaguá, 1883 - Rio de Janeiro, 1941), Raul Gutierrez Simas (Paranaguá, 1884 - Rio de Janeiro, 1952) e Loé Gutierrez de Simas18 (Petrópolis, 1889 - Rio de Janeiro, 1966).

Otto, General de Exército e engenheiro-civil; Hugo foi ilustrado jurista, jornalista, professor emérito, fundador da Universidade do Paraná (atual UFPR), Procurador da República, Ministro substituto do TSE em 1932, Procurador-Geral de Justiça no Estado do Paraná e Desembargador no TJ daquele Estado; Raul e Loé eram Oficiais da Marinha, ambos Capitães-de-mar-e-guerra com vasta trajetória militar. Somente o último filho de Fernando Simas, Loé, nasceu em Petrópolis, para onde a família teria se mudado, em 1887.

Posteriormente a família transferiu-se para o Rio de Janeiro. Pelo local do registro de nascimento dos filhos é possível ter uma ideia da trajetória familiar. Além disso, também há relatos orais sobre a passagem do pai da Joana (e filhos), irmão de Fernando Machado de Simas, por Petrópolis, a serviço da Família Imperial.

3 FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE UMA INTELECTUAL

É notório o quanto Therezinha de Castro empregou seu prestígio social e sua eloquência para colocar seus estudos geopolíticos como essenciais para a segurança nacional. A geógrafa, historiadora e geopolítica possui inúmeras características que permitem classificá-la como intelectual, não apenas por ser uma mulher de letras, mas por ter sido uma grande nacionalista. Como aponta Sirinelli (2006) os intelectuais são homens de pensamento que se recusam ao confinamento a campos de saber específicos e se lançam em causas mais gerais não bastando ser um criador ou mediador cultural, mas é imprescindível ser engajado politicamente. É neste sentido que podemos analisar Therezinha de Castro como uma intelectual.

Para Reis (2000) o mais importante é a função que os intelectuais desempenham na sociedade, pois assumem uma perspectiva coletiva com foco no interesse da comunidade, sendo que esta perspectiva pode ser reacionária, conservadora, reformista ou revolucionária. Compreende-se assim que o intelectual é vinculado à ideia de intervenção no espaço público preocupado com a organização e o destino de seu país. Therezinha de Castro foi ainda conferencista das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército de da Aeronáutica, da Escola de Guerra Naval, das Escolas de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica e do Exército e da Escola Superior de Guerra.

Destaca-se a atuação pioneira de uma mulher civil na área de segurança e defesa, ressaltando a importância da integração entre civis e militares.

No final da década de 1940, ela iniciou a faculdade de História e Geografia na Universidade do Brasil (atual UFRJ), um período em que a disciplina de geopolítica ainda não existia.

A Professora Therezinha de Castro ingressou em 1952 como Geógrafa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde permaneceu por 27 anos e fez parte do Conselho Nacional de Geografia; foi também Professora do Colégio Pedro II por 28 anos, pelo qual escreveu obras como *Brasil da Amazônia ao Prata* (1983) e *Geopolítica: Princípios, Meios e Fins* (1999) e da extinta Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE); foi ainda conferencista das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército e da Aeronáutica, da Escola de Guerra Naval, das Escolas de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica e do Exército e da Escola Superior de Guerra, onde teve destacada atuação.

O ingresso de Therezinha de Castro na ESG foi, sem dúvida, um ponto crucial na trajetória dela, pois possibilitou sua aproximação com as doutrinas militares, além de propiciar o estreitamento de contatos com personagens também importantes na geopolítica brasileira como: Golbery do Couto e Silva[6] e Carlos Meira Mattos[7].

Sua relação com a ESG iniciou antes mesmo de ingressar no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE), o que não é tão comum. A primeira Conferência publicada na Escola é datada de dois de junho de 1986 sob o título *Geopolítica do Brasil*. No ano de 1993 passou a pertencer ao Corpo Permanente da ESG, pela Divisão de Assuntos Internacionais. Somente no ano seguinte fez o Curso de Altos e Estudos (CAEPE) e publicou sua monografia de conclusão de curso *O Brasil e a 'Nova Ordem Mundial*, tendo deixado uma produção teórica pautada na Geopolítica brasileira.

Ademais, foi conferencista das Delegacias da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), espraiadas por todo o País.

Em 1997 foi condecorada com o título de grão-mestre da ordem do mérito militar pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso.

Frequentemente era convidada para realizar conferências sobre geopolítica em vários países.

---

6 Golbery do Couto e Silva (Rio Grande, 21 de agosto de 1911 - São Paulo, 18 de setembro de 1987) foi um general e geopolítico brasileiro. Tornou-se reconhecido como um dos principais teóricos da doutrina de segurança nacional, elaborada nos anos 1950 pelos militares brasileiros da Escola Superior de Guerra (ESG), sendo um dos criadores do Serviço Nacional de Informações (SNI). Para mais informações ver: RAMOS, Plínio de Abreu. Verbete biográfico Golbery do Couto e Silva. In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, CPDOC, FGV.

7 Carlos de Meira Mattos (São Paulo, em 23 de julho de 1913. Ascendeu ao generalato em 1968 e em 1969 foi nomeado comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) Já General-de-Divisão, em 1973, foi nome- ado Vice-Chefe do extinto Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA) e, a seguir, em 1975, Vice-Diretor do Colégio Interamericano de Defesa. Uma vez na reserva, pode dedicar-se plenamente à sua segunda paixão – a primeira foi o Exército – a produção literária voltada para geopolítica e estratégia militar. Deixou diversas obras nos campos da Geopolítica e da Estratégia Militar, responsáveis pela definição dos Objetivos Nacionais Permanentes (ONP) e pela aplicação do Poder Nacional, respectivamente. Na geopolítica, soube como poucos estudar, examinar e analisar a interação entre a geografia e a política, com soluções autóctones para os problemas nacionais, todas dotadas de visão de futuro. Site: Coleção Meira Mattos. Disponível em: http://www.ebrevistas.eb.mil.br/RMM/QFMM Acesso em: 17 jul. 2024

4 THEREZINHA DE CASTRO NA ESG – memória institucional

Halbwachs (2006) defende que a memória é um saber que se constrói socialmente e é criado coletivamente, indo além das lembranças individuais de cada pessoa. Ela envolve o resgate e a preservação do passado social, vivido em conjunto pela sociedade. Nossas lembranças são coletivas e são relembradas por outros, mesmo quando se tratam de eventos ou objetos que só nós experimentamos, porque nunca estamos verdadeiramente isolados. Halbwachs (2006) destaca duas características essenciais da lembrança: o reconhecimento, que implica resgatar experiências passadas já vivenciadas, e a reconstrução, pois essas experiências são reinterpretadas e integradas em um contexto presente, podendo ganhar novos significados. Assim, a memória estabelece uma ligação entre o passado e o presente.

Cabe ressaltar, que toda a memória é seletiva, isso quer dizer que uma instituição também escolhe determinados fatos para pôr em evidência. "É no tipo de narrativa que as empresas e grupos sociais se forjam e criam a sua identidade (Worcman, 2004, p. 25)", ou seja, são as histórias selecionadas para serem divulgadas que irão mostrar sua identidade para a sociedade.

A ESG sempre buscou honrar e manter vivo o legado da geógrafa Therezinha de Castro, que faleceu em 16 de fevereiro de 2000 durante sua participação em um congresso no Instituto de Defesa Nacional, em Portugal. Nos dois anos seguintes à sua morte, a Escola realizou a reimpressão de várias obras da professora para relembrar sua contribuição significativa para geopolítica. A Geógrafa colaborou muito com a Escola e este item tem como objetivo demonstrar o reconhecimento institucional da ESG.

Em 12 de agosto de 2003 foi inaugurado nas instalações da ESG um edifício com o seu nome. Esse prédio atualmente abriga o Departamento de Administração, o Rancho e a Sala da Memória Coronel Montenegro.

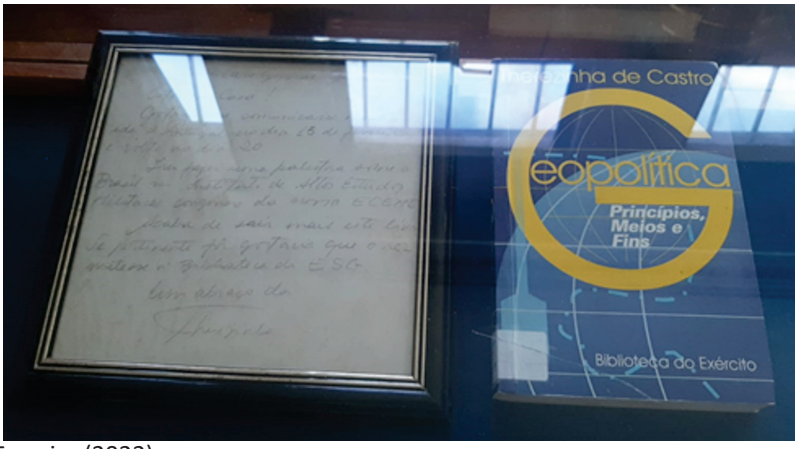
Doze anos após seu falecimento, a Revista da Escola Superior de Guerra publicou, em 2012 (*Revista da Escola Superior de Guerra*, 2012, p. 16-32) uma edição contendo algumas de suas obras: *América do Sul: Vocação Geopolítica*.

Em 2022 a professora também foi lembrada na Exposição *ESG 73 anos: um passeio pela história*, mostra atinente à comemoração dos 73 anos da Escola, que teve início no dia 17 de agosto daquele ano, tendo sido disponibilizada ao público na Sala da Memória Coronel Montenegro.

Na ocasião ela dividiu o stand com Golbery e Meira Mattos, como uma, entre os três geopolíticos importantes que passaram pela Escola, a única mulher. E isso, por si só, já tem um peso.

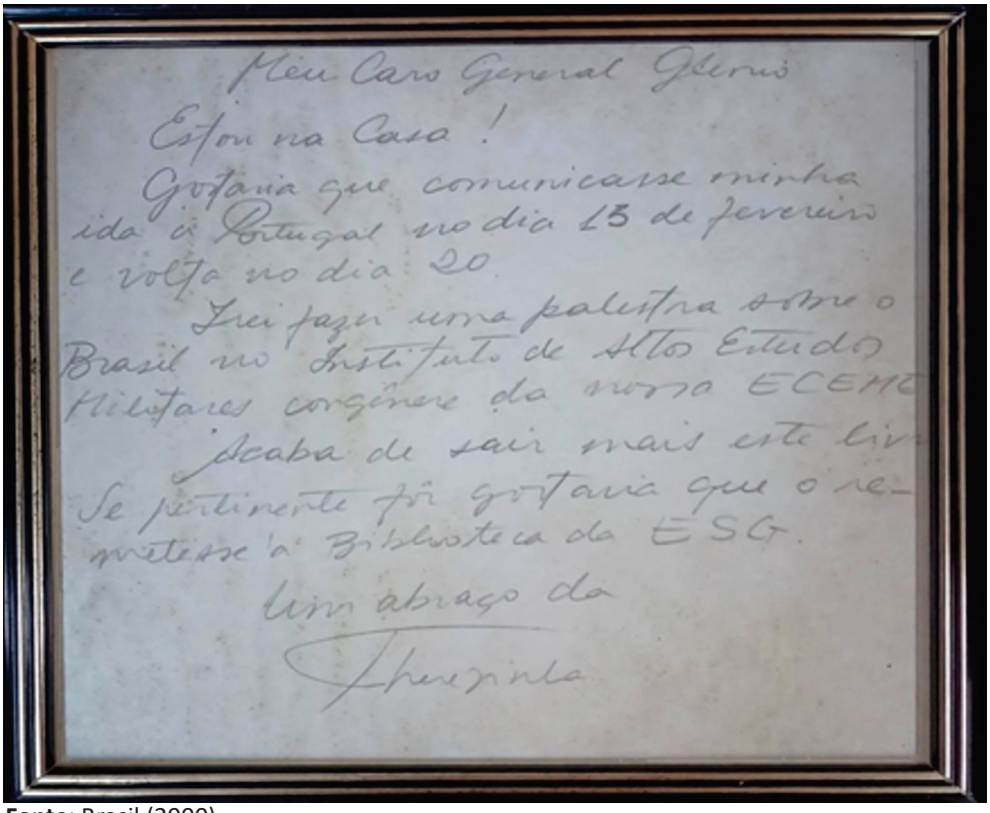
Na exposição foi disponibilizado um exemplar da última publicação da professora, ofertado por ela mesma à ESG, acompanhado de sua última comunicação com a Escola, uma composição que foi possível graças ao processo de organização do acervo, iniciado em 2015 e ainda em andamento, e à pesquisa histórica.

Ilustração 1- último livro que a Biblioteca da ESG recebeu de Therezinha de Castro exposto



Fonte: Ferreira (2022).

Ilustração 2 - última comunicação de Therezinha de Castro com a Escola Superior de Guerra



Fonte: Brasil (2000).

No bilhete, escrito no início do ano 2000, ela informava ao General Glenio que viajaria em breve para Portugal. Iria dia 13 e estaria de volta no dia 20 de fevereiro, e ofertava à Escola seu último livro, que acabara de sair (1999), para que fosse somado ao acervo da Biblioteca da ESG, mas seus planos não se cumpriram, e no dia 16 de fevereiro ela faleceu em Portugal.

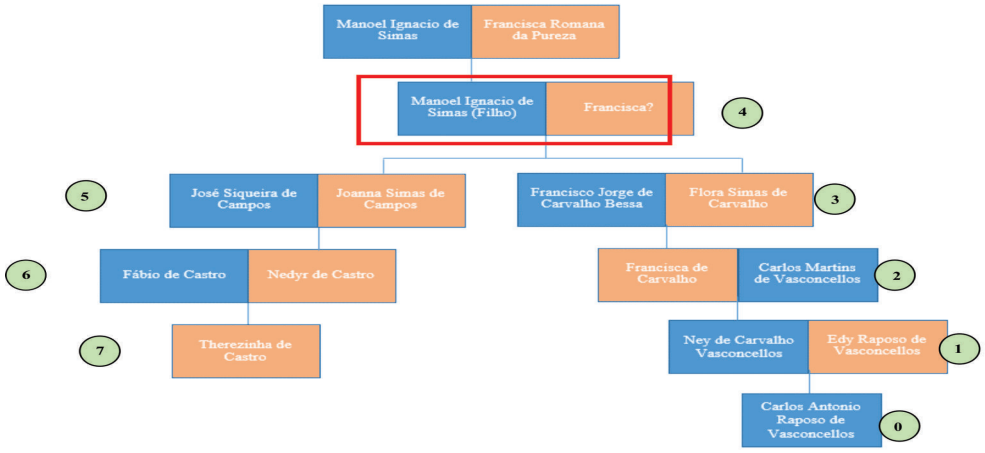
Recentemente, no ano de 2023, outra homenagem foi feita à professora, com a inauguração, na ESG, do Instituto Therezinha de Castro (ITC), que engloba a antiga estrutura pertinente ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação (CPPG), incluindo a Editora da ESG, os laboratórios de pesquisa nas áreas de Segurança Internacional e Defesa, o Programa de Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa (PPGSID), entre outros departamentos.

Além dessas homenagens a ESG sempre buscou conservar no seu acervo os trabalhos realizados por Therezinha, em sua base dados encontramos 171 publicações de sua autoria, dentre elas sua monografia já citada. O acervo da instituição vai muito além das publicações escritas. Ele é composto também de material audiovisual, no qual há algumas aulas gravadas da Geógrafa.

O que não se imaginava era que vinte e quatro anos depois do falecimento da Geógrafa, ainda houvesse um representante da sua família na Escola Superior de Guerra. Trata-se de Carlos Antonio Raposo de Vasconcellos, que aliás desconhecia o parentesco com Therezinha de Castro. O Comandante Raposo é bisneto da tia-avó da Therezinha, Dona Yayá, conhecida por ter bordado a primeira bandeira do Brasil republicano.

Manoel Ignacio de Simas Filho, pai da Joana (avó da Therezinha) e da referida bordadeira, é o primeiro ancestral comum que aparece entre Therezinha de Castro e o Carlos Antônio Raposo de Vasconcellos. Ele é bisavô da Therezinha e trisavô do Comandante Raposo, como se pode observar na árvore genealógica abaixo:

Figura 01 - Árvore Genealógica indicando o ancestral comum a Therezinha e o Comandante Raposo



Fonte: Elaboração das autoras (2024). Produzida a partir dados extraídos do *FamilySearch*, do Geni, de Piazza (1982) e de informações familiares.

Do ponto de vista jurídico o que convencionalmente chamamos de primo de primeiro grau é um parentesco colateral de quarto grau, iniciado do zero num primo, chegando até o ancestral comum e descendo até o outro primo. É possível realizar esse cálculo para chegar ao parentesco entre Carlos Antônio Raposo de Vasconcellos e Therezinha de Castro, o que do ponto de vista convencional daria um grau de parentesco de quarto grau e do ponto de vista jurídico, um parentesco de sétimo grau. Eles seriam então primos de sétimo grau.

Apesar de todas as formas de homenagens que a ESG já fez em memória da Therezinha de Castro, nunca se olhou para o Corpo Permanente em busca de vestígios dela. Jamais se pensou que os valores de sua família poderiam ainda estar presentes na escola de forma tão palpável, através de um parente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo foi escrito por duas pesquisadoras que passaram pela ESG e, ao longo de oito anos que lá estiveram como militares, buscaram valorizar, através da Memória Institucional, a sua história, de forma que ela se refletisse na identidade e no pertencimento dos civis e militares da casa.

Trata-se de um artigo comemorativo, que integra o número de aniversário da Revista da Escola Superior de Guerra.

O artigo tem início nas relações familiares e a sociabilidade da Therezinha de Castro, que a conduziram à várias instituições, inclusive a ESG.

Partimos das mais óbvias relações paternas e formativas habituais, relacionadas ao meio em que ela viveu, facilmente encontradas em diversos artigos sobre a autora e apontamos para um eixo familiar que nunca tinha sido observado: o materno, no qual identificamos muitos militares do Exército com suas convicções abolicionistas, nacionalistas e republicanas.

Concentramo-nos na Therezinha intelectual, engajada institucional e politicamente, preocupada com interesses nacionais coletivos, daí os temas regionais que fizeram dela uma entre os três geopolíticos mais importantes do Brasil.

Por último foi feito um pequeno resgate da valorização da Therezinha de Castro na escola, através de algumas ações de reconhecimento que vêm sendo implementadas em sua memória desde o falecimento, em 2000.

Terminamos demonstrando que mais de vinte anos após seu falecimento ainda há vestígios da Geógrafa no Corpo Permanente, nosso ponto de chegada que se liga ao ponto de partida: um membro que jamais imaginou ter qualquer grau de parentesco com ela: o Comandante Raposo, Adjunto da Divisão de Assuntos Políticos (DAP).

REFERÊNCIAS

ÁRVORE genealógica. *In:* SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico*. 28. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

BRASIL. Ministério da Defesa. Escola Superior de Guerra. [*Acervo da memória institucional da Escola Superior de Guerra*]. Brasília, 2000.

CASTRO, Therezinha de. *Atlântico Sul*: geopolítica e geoestratégia. Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra: Rio de Janeiro, 1996.

CASTRO, Therezinha. *Geopolítica:* princípios, meios e fins. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

FERREIRA, Jamylle de Almeida. *[Fotografia do Acervo da Biblioteca da Escola Superior de Guerra*]. 2022.

FERREIRA, Jamylle de Almeida. Entre o narrador da imagem e os da História: o quadro "A Pátria" e a primeira bandeira do Brasil República. *Revista da Escola Superior de Guerra*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 80, p. 19-30, maio-ago., 2022.

FERREIRA, Jamylle de Almeida. Metodologia de história oral e genealogia: um esforço criativo para compreender a comunidade tradicional Aldeia Imbuhy. *In:* SILVA, Catia Antonia da (org.). *Pesca artesanal, reflexões da geografia, história social na análise de geograficidades e temporalidades*: por uma compreensão do método e de metodologias participativas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

FERREIRA, Jamylle de Almeida. *O fortalecimento da figura de D. Yayá e a (re) produção da identidade nacional como elementos de resistência na luta pelo território:* narrativas da comunidade pesqueira Aldeia Imbuhy, Niterói- RJ. 2021. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2021.

FERREIRA, Jamylle de Almeida; VASCONCELLOS, Carlos Antonio Raposo de; PEREIRA, Fabio Furtado. Família Simas: por um Brasil republicano. *Revista da Escola Superior de Guerra*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 83, p.11-27, maio-ago., 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MACIEL, Kátia Regina Ferreira Lobo Andrade; MACIEL, Raquel Ferreira Lobo Andrade. *A metáfora da árvore genealógica no sistema de parentesco brasileiro*. 2022. Disponível em: https://ibdfam.org.br/artigos/1864/A+met%C3%A1fora+da+%C3%A1rvore+geneal%C3%B3gica+no+sistema+de+parentesco+brasileiro2013#_ftn7. Acesso em: 26 jul. 2024.

MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e modernidade*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002.

NEGRÃO, Francisco de Paula Dias. *Genealogia paranaense*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1945a. 3 v.

NEGRÃO, Francisco de Paula Dias. *Genealogia paranaense*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1945b. 6 v.

PENHA, Eli Alves. Therezinha de Castro. *In: Cadernos de Estudos Estratégicos Centro de Estudos Estratégicos Marechal Cordeiro de Farias,* n. 01, p. 47-54, jul. 2021.

PIAZZA, Walter F. O primeiro cirurgião de Santa Catarina. *Revista das Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 68-76, jan./dez. 1982.

REIS, Daniel A. (org.). *Intelectuais, história e política* (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

REVISTA DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, v. 27, n. 54, p. 16-32, jan./jun. 2012.

SIRINELLI, J. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8. ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História Contemporânea. In. FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1994.

WEIGEL, S. (2007). Genealogy. On the iconography and rhetorics of an epistemological topos. [Online]. *Enciclopédia e Hipertexto*, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – FCUL. Disponível em: http: https://pt.scribd.com/document/357702329/weigel-2006-genealogy-on-the-iconography-and-rhetorics-of-an-epistemological-topos. Acesso em: 12 jun. 2024.

WORCMAN, Karen; Memória do futuro: um desafio. In: NASSAR, Paulo (org.). *Memória de empresa*: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações. São Paulo: Aberje, 2004.

Recebido em: mar. 2024.
Aceito em: jun. 2024.